

Walter Benjamin, Labirintos e Passagens: uma homenagem aos 70 anos de sua morte

Há 70 anos, no dia 27 de setembro de 1940, morria Walter Benjamin. Sua fuga das tropas nazistas e o seu suicídio em Portbou (fronteira da França com a Espanha) representam o encerramento de uma vida repleta de infortúnios pessoais e acadêmicos. Ainda que tenha tido pouco êxito em vida, sua obra ganhou dimensões talvez não imaginadas pelo seu autor, fazendo dele um dos maiores pensadores do século XX.

Leitor assíduo de obras literárias e sociológicas de seu tempo, filósofo das elucubrações da experiência, estudioso das mídias e instrumentos de comunicação que surgiram no final do século XIX e primeira metade do século XX, crítico das teorias do progresso e do fascismo, exímio conhecedor das vanguardas artísticas da Europa, Walter Benjamin é um autor repleto de percursos intelectuais que se abrem diante de labirintos de interpretações realizadas pelos seus leitores.

Além de homenagear o filósofo alemão após os 70 anos da morte, o NEAMP – Núcleo de Estudos sobre Arte Mídia e Política realizou entre os dias 22 a 24 de setembro de 2010 o evento *Walter Benjamin, Labirintos e Passagens: uma homenagem aos 70 anos de sua morte* para promover diálogos, interpretações da obra benjaminiana e a sua inserção nas ciências humanas. Participaram do evento os professores Jeanne-Marie Gagnebin, Mariza Werneck e John Cowart Dawsey, além dos pesquisadores José João Name, André-Kees Schouten e Giovanni Cirino.

Dessas apresentações resultaram alguns artigos presentes nesta edição da revista *Ponto e Vírgula*.

Walter Benjamin é um autor demasiadamente lido no Brasil. O que se percebe é que, quanto mais sua obra é comentada e estudada, cria-se um abismo em relação à compreensão plena do autor. Trata-se de uma tarefa árdua, senão impossível. Seu estilo de escrita fundado em alegorias e metáforas permite múltiplas concepções de seus textos, e o filósofo torna-se mais um meio para se pensar o mundo do que exatamente um fim a ser estudado. É provável que a melhor forma de homenageá-lo seja refletir a partir de rastros, fragmentos e citações, pedaços ou imagens de

pensamento que se encontram espalhados em sua obra, constituindo um mosaico de ideias que, ao mesmo tempo, promovem choques e rupturas na forma de pensar de seus leitores.

Caberia destacar que não temos nessa edição da presente revista mais uma série de comentários sobre a obra de Walter Benjamin, mais ou novos intentos em alcançar uma interpretação definitiva do autor. Há digressões, ao estilo de ensaios, e reflexões que a obra benjaminiana permite aos seus leitores e estudiosos de diversas áreas do conhecimento.

José João Name apresenta a aura na fotografia e sua relação com as dimensões que compõem a metrópole moderna. A condição do fotógrafo assemelha-se ao do *flâneur* que anda em meio à multidão. O fotógrafo interrompe o curso do mundo e captura a efemeridade da existência urbana diante da avalanche de homens que correm contra o tempo para ir ao trabalho e voltar para casa, dos mendigos, esquinas, becos, vendedores e clientes, enfim, os instrumentos que organizam a desarmônica e veloz paisagem da sinfonia chamada cidade. O *flâneur* e o fotógrafo tornam-se capazes de contemplar na desordem da cidade uma ordem oculta que se manifesta nos passos dos transeuntes nas ruas da racionalidade do progresso urbano. Em “Fotografia urbana e aura”, Name nos faz indagar sobre a aura no instante em que ocorre a percepção promovida pelo aparelho óptico natural (do homem) e artificial (da máquina fotográfica). As inovações trazidas pela câmera auxiliam observar além de nossas possibilidades, isto é, registrar o que passa despercebido aos olhos do indivíduo comum que caminha pela cidade. Magia e técnica reforçam a existência mitológica de nossa civilização na era do capital.

O ensaio de John C. Dawsey busca por uma antropologia benjaminiana através de correlações com Brecht, Turner e Geertz. Trata-se de uma original investigação que tem como pretensão encontrar elementos do teatro dramático para a antropologia no que diz respeito à tensão entre os ritos de passagem e ao que é cotidiano, entre os eventos comuns e os extraordinários das sociedades humanas. Essa passagem entre o fluxo da vida cotidiana e os acontecimentos que se caracterizam pela sua excepcionalidade é investigada por meio das alegorias do “espelho mágico”, “estilhaçamento” e “lampejos”, imagens que operam como iluminações profanas para a reflexão antropológica.

Giovanni Cirino desenvolve a noção de “sons dialéticos”. Encontra afinidades entre Benjamin e Mauss na construção ou no “fazer musical”. A experiência musical que associa a recepção do público diante do artista está intimamente associada à concepção de “pessoa” que, segundo Mauss, forma a representação ou a máscara executada durante os afazeres sociais. O artigo “Sobre as possibilidades de uma audição dialética” procura desenvolver, a partir da leitura de Benjamin, novas perspectivas teóricas para a compreensão das construções musicais.

O belíssimo texto de Mariza Werneck cria dialogismos entre Benjamin e Lévi-Strauss. Os percursos comuns desses dois autores aproximam o mito da ciência. Seus procedimentos de investigação estabelecem uma epistemologia que une o sensível e o racional, sendo que as suas ferramentas são a bricolagem, os fragmentos e o colecionar, os quais constituem correspondências interessantes entre os autores.

No texto “A Revolução Vagabunda: Baudelaire, Benjamin e o fim da história” procuro avaliar as interfaces entre o pensamento político de Benjamin e Baudelaire que fundamentam a crítica ao progresso e ao trabalho produtivo. É apresentado o contraste entre o posicionamento de Marx e Baudelaire a respeito de modelos sociais vindouros. Benjamin soube aliar as oposições existentes entre a revolução marxista contra o capitalismo e os segmentos sociais marginalizados, designados pejorativamente por Marx como “lumpemproletariado”. Baudelaire pode ser considerado, conforme aponta Benjamin, um membro do “lumpen” devido à vida errante e entregue às ruas, tabernas, vinho e o haxixe. Baudelaire assemelha-se ao trapeiro, pois são responsáveis por coletar o que é considerado lixo ou restos para a sociedade.

Os escritos aqui presentes expressam novos caminhos, ou pelo menos tentam ser mapas de entendimento frente ao labirinto que sustenta a obra de Walter Benjamin. No entanto, não interessa sair do labirinto e encontrar um final feliz. Perder-se pode ser mais instigante e menos entediante do conhecer a saída. Para este filósofo, “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade como alguém se perde numa floresta, requer instrução”. A proposta dos artigos revela a necessidade de saltar em direção à obra de Benjamin para recriá-la a partir de outros autores e campos do conhecimento. Os escritos procuraram guiar-se por uma das pretensões de Benjamin, a de retirar a citação e os autores estudados de seus contextos originais para

inserir-los em novas passagens, atalhos que reelaboram a narração do conhecimento. Nas Passagens de Benjamin “escrever a história significa, portanto, citar a história. Ora, no conceito de citação está implícito que o objeto histórico em questão seja arrancado de seu contexto”.

Paulo Niccoli Ramirez*

* Membro do NEAMP, é doutorando, mestre e bacharel em Ciências Sociais pela PUC-SP, bacharel em Filosofia pela USP e professor da Uninove e do Colégio Rio Branco.